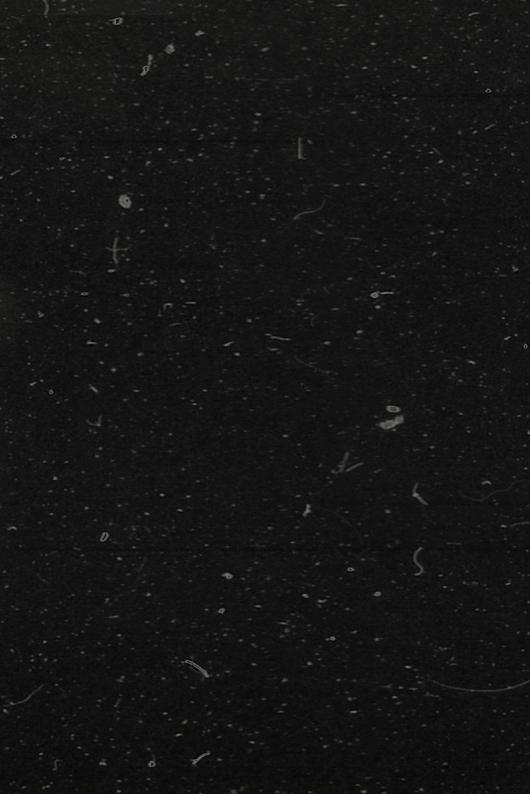
CANÇÕES DE BRUXAS YOUKAIS



MATHEUS PONTES

CANTIGAS DA ESCURIDÃO LIVRO DOIS

CANÇÕES DE BRUXAS MINION STATES



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2023 Copyright © Matheus Pontes, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL **Lilian Vaccaro**

COORDENAÇÃO EDITORIAL **Bianca Gulim**

ASSISTÊNCIA EDITORIAL Jadna Alana Raquel Escobar

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA **Henrique Morais**

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pontes, Matheus

Canções de bruxas e poemas de Youkais / Matheus Pontes - 1ª edição - São Paulo: Coerência, 2023

ISBN: 978-65-89850-31-1

CDD: 869.3

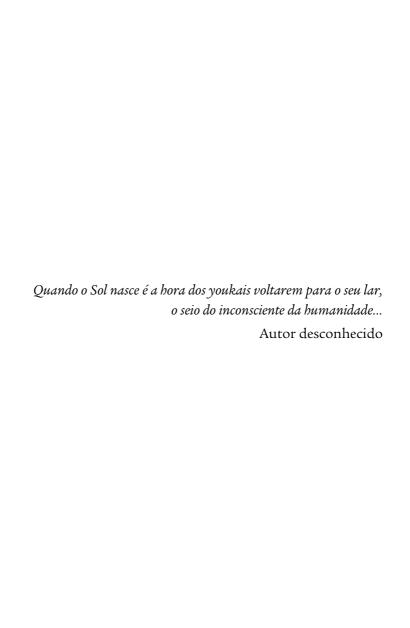
Índices para catálogo sistemático:

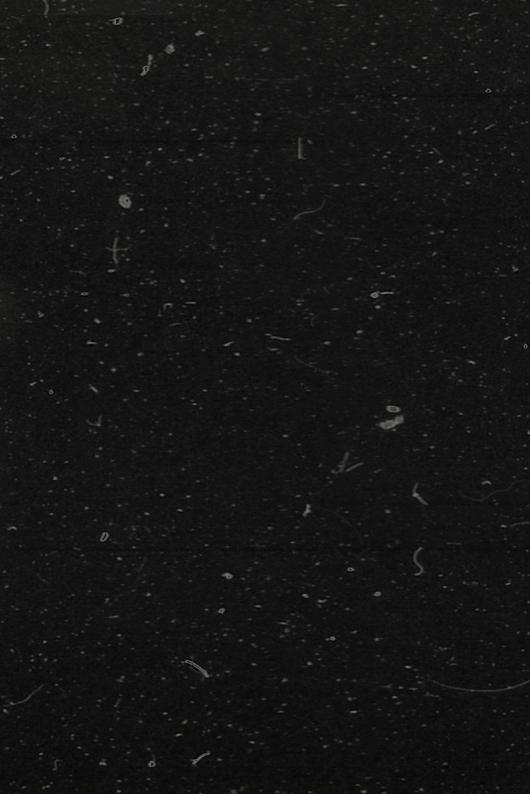
1. Ficção brasileira 2. Terror 3. Fantasia I. Título





Rua Coronel Leme, 43 | Centro Bragança Paulista | SP | 12.900-340 www.editoracoerencia.com.br Tele.: (11) 9.8020-0810

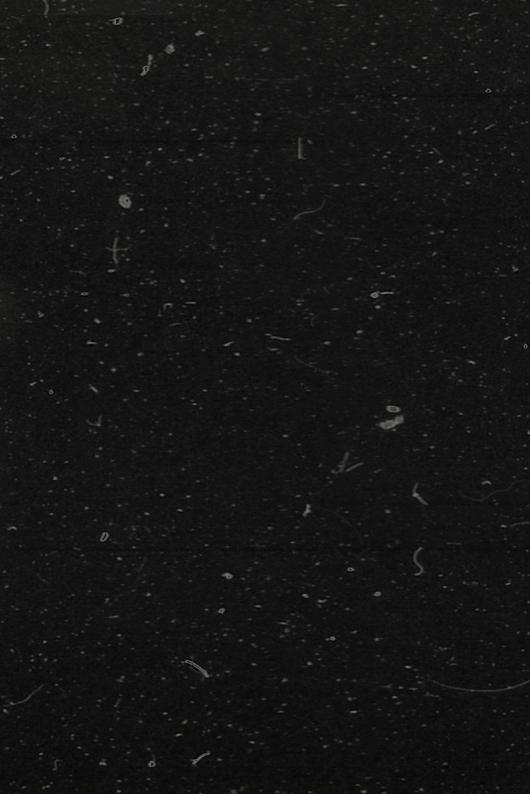




AGRADECIMENTOS

Agradecimentos sempre são necessários, já que a produção de um livro não é um processo isolado. Você aprende com a convivência do mundo e das pessoas, pois nada é tão denso e detalhado e digno de ocupar a mente quanto as pessoas reais e seus dramas também reais. Aponto como agradecimento deste livro dois nomes principais: o também escritor e companheiro de editora Diego Peraçoli, autor de *O diabo na garrafa*, com o qual discuti detalhes deste livro durante meu processo de escrita e que trouxe para o meu *brainstorming* mudanças como o nome do livro; e meu sempre fiel leitor beta e guia mais experiente no caminho da literatura, Márcio Garcia Seufitele Pinto e suas sugestões ricas para o andamento das minhas ideias.

Devo tecer também meus agradecimentos ao próprio pessoal da Editora Coerência, em especial a Bianca Gulim, com a qual, em uma conversa no processo de revisão do primeiro volume, *Canções de bruxas*, acabou me dando o insight desta sequência. De forma não intencional, talvez, porque eu nem sequer planejava fazer uma continuação do primeiro livro.

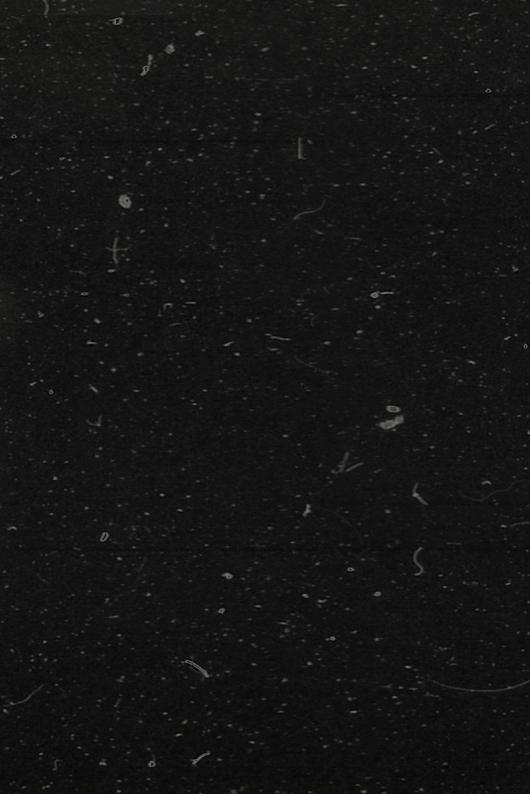


NOTA SOBRE HAIKAIS

Haikais, haicais ou haikus, depende de como você conhece ou não conhece, é um gênero de poemas originário do Japão. Possuem um formato simples de três versos com dezessete sílabas, os assim denominados **ons**音 em uma formação 5-7-5 com cinco sílabas ou sons no primeiro verso, sete no segundo e cinco novamente no terceiro. Os mais tradicionais não possuem títulos ou rimas e em geral estabelecem ligações entre os sentidos humanos e as estações, estas chamadas de **kigo**季語.

Além disso, existe também o conceito do **kireji切**九字, palavras de corte usadas ao fim dos versos, criando efeitos similares aos das voltas em sonetos, por vezes jogando o leitor de volta ao início do haikai; não existem palavras com funções similares em línguas como o português e inglês, e sua função é parcialmente emulada por meio da pontuação, reticencias, etc. Apesar disso, diversos autores modernos transcendem algumas das regras que delimitam tais poemas, principalmente por conta da ausência de kirejis em outras línguas, o que gera deformações da estrutura 5-7-5 no processo de tradução.

Neste livro você topará com alguns haikais de minha autoria. Para os interessados, recomendo autores nacionais como Paulo Leminski e Millôr Fernandes, que se aventuraram no gênero.



INTRODUÇÃO

Um mês.

Estas duas palavras juntas foram a resposta prática que dei a uma entrevista não escrita a respeito de quanto tempo demorei a escrever *Canções de bruxas e rapsódias de fadas negras*, o livro que precede este que está diante de você. Diferente do que muitas pessoas imaginaram e ainda imaginam, não tinha a história pronta como ocorre com muitos escritores novatos em seu primeiro livro; muito menos um planejamento agressivo e prévio de anos com aquele trabalho. Eu estava escrevendo uma obra ainda não publicada, mas ainda guardada comigo quando o concurso da editora apareceu no *feed* de meu Facebook em uma madrugada de insônia. Assim, encontrei um objetivo, uma motivação e trinta e dois dias para cumpri-lo, afinal, eu precisava de algo novo e próprio para o concurso, não uma aceleração do meu projeto já em andamento, que tinha e ainda tem de ser concluído no tempo certo e com o carinho certo.

Na época, e ainda hoje, trabalhava em um projeto por hobbie em uma rede social de games, o Alvanista — uma rede ótima por sinal, me procure lá por thecriticgames. O nome do projeto? *Know your demon* ou kyd para encurtar. Semanalmente eu falava de seres de diferentes mitologias e folclores oriundos da franquia de jogos

de JRPG Shin Megami Tensei. Foi uma mera desculpa para estudar e conhecer melhor esses seres interessantíssimos e as diferentes culturas supersticiosas de nosso mundo.

Mesmo hoje, passando das duzentas publicações, não estou nem perto de acabá-lo, contudo o conhecimento que as pesquisas desse hobbie me forneceram foi a base para toda a ideia de *Canções de bruxas e rapsódias de fadas negras*. Ainda assim, foram sufocantes e agitados trinta e dois dias de pesquisas e escrita corrida; às vezes lutando para o cérebro me dar ideias, sofrendo e tendo pesadelos em dias em que escrevia em excesso. A boa notícia é que o livro ficou pronto, saiu, ganhou um prêmio e me deixou feliz.

Passado aquele sufoco, cá estou nos meus episódios de tempos livres desta pandemia na difícil tarefa de escrever esta sequência que agora se passa em território asiático. O Japão, o país que mais vem à mente da maioria quando citamos a Ásia, é um mar de criatividade com respeito a seu folclore, mais vasto do que o folclore ou mitologias chinesas e coreanas, que também estudei e que compartilham alguns seres entre si, como a Raposa de Nove Caudas, que tem um nome em cada país. Muito de seu panteão de seres fantástico é dividido entre *youkais*, que seria o mais próximo da classificação da Cuca de nosso folclore.

Os youkais são forças da natureza em manifestações físicas com personalidades e seu próprio modus operandi, diz respeito a encontros com humanos e yureis, que são espíritos atormentados dos vivos que não deixam este mundo. Há ainda os Kamis, que são as divindades do xintoísmo. Existe algo de mágico e místico na Ásia por todo o seu território. Talvez seja algo de outro mundo encrustado nas próprias terras do lugar com a capacidade vulgar de influenciar ou ser influenciado pelo consciente e inconsciente humano, visto o número de seres fantásticos dessas culturas. Mesmo em países seculares como o Japão existe uma alta parcela

da sociedade supersticiosa, o que pode ser estranho para muitos, uma vez que o nível de superstição costuma estar interligado com a religiosidade de uma nação e povo; isso não é absoluto, no entanto.

A regra se aplica também à parte asiática do continente europeu, mais especificamente ao Oriente Médio, repleto de lendas e seres também fantásticos e terríveis. Talvez haja uma correlação com os Sumérios da Mesopotâmia, um dos impérios mais antigos do mundo e um dos berços da humanidade em que atualmente se localiza o Iraque e o Kuwait.

Quero convidar você a não apenas conhecer os seres dessas diversas culturas, mas também a própria cultura. As narrativas são recheadas de informações que traçam um pouco dos hábitos e costumes de diferentes países e épocas, ao menos dentro da pesquisa limitada que pude fazer. Encorajo, inclusive, que todo leitor tão curioso quanto eu pesquise toda e qualquer palavra ou nome estranhos que encontrar nesta obra, que é uma fonte de roupas, costumes e seres de diferentes culturas. Assim como no primeiro livro, convido você a ser testemunha de alguns episódios em parte reais. Os contos *O Túnel Hitobashira* e *O incidente no Monte Hakkōda*, por exemplo, têm como base episódios reais e perturbadores da história do Japão. Irei me abster de revelar o que dali é real para evitar maiores *spoilers* e também para deixar que os de fato interessados pesquisem pelos nomes e pelas respectivas histórias e imaginem por conta própria o que houve em cada ocasião.

Condensar essas mitologias, folclores em contos com o tom de terror ou de fantasia sombria foi mais uma vez minha tarefa aqui, porque de fato há muitas criaturas assustadoras nesses folclores. Escrever contos, posso dizer agora com experiência, não é uma tarefa fácil, não quando você busca um nível de qualidade narrativa que aquela ideia merece; e nem sempre você está destinado a achar.

Engana-se quem pensa que um conto deve funcionar meramente como um livro pequeno. A dinâmica de um conto é outra. Engana-se também quem pensa que um livro de contos é menos trabalhoso por ser, até certo ponto, descomprometido e menos refém de tempo de desenvolvimento do que romances e novelas completas. Eles podem até ser, mas pensar em um livro de contos é como pensar em várias novelas diferentes em vez de uma só. Retrabalhar a dinâmica dessas narrativas para se adequarem ao formato de contos e criar uma dinâmica entre si pode ser desafiador. Foi um prazer escrever este livro e espero que seja tão prazeroso lê-lo.

Deixo ainda o mesmo aviso do primeiro livro desta série: assustar o leitor não é um trabalho fácil e não é o meu real intuito aqui, porém, se ao fim da leitura você se pegar fascinado com a fantasia sombria e com tais seres ou com maior interesse em algumas das mitologias, então minha missão com este livro estará cumprida.





O TUNEL HITOBASHIRA

Cidade de Kitami, província de Hokkaido, Japão, 1914

Foi no outono. Aconteceu em uma época muito caótica do Japão. O país tinha aberto suas portas para o ocidente e com isso tivemos um enorme investimento na modernização. Foi um desejo de nosso império que o Japão não ficasse para trás na corrida tecnológica, ainda mais com o período de conflitos contra os Russos¹ alguns anos atrás. Isso somado à vitória e conquista da Coreia² só fomentou o sentimento de realização, um espírito de força dentro da comunidade. Nós não sabíamos, no entanto, que estávamos todos tomados pela ganância; éramos cegos, e um cego só enxerga a verdade quando alguém abre seus olhos à força, tal qual ocorreu comigo.

Eu era o que pode ser definido como um "patriota", um nacionalista nato, algo bastante comum na época; somente a ralé da sociedade era diferente de mim neste ponto. Meus vizinhos, meus colegas de serviço e eu compartilhávamos de um amor sobrecomum por nossa terra, nação, povo, solo e espírito. Ainda nutro amor por essas coisas, mas não pelo povo, não por ele como um todo.

- 1. Guerra Russo-Japonesa (1904-1905)
- 2. Tratado de Anexação Japão-Coreia (1910)

Era fim de 1913 quando entrei em uma dívida a qual não achei importante, porém deixei que crescesse e tomasse meu dinheiro e minha vida. Para sanar esse pormenor, vi-me obrigado a aceitar um acordo, um trabalho longe de meu lar em Honshu, na ilha de Hokkaido, denominado "Trabalho Takoyeba". Era um tipo de trabalho pesado no qual pessoas endividadas eram preparadas para trabalhar em construções e obras de modernização do país até pagarem suas dívidas, fosse monetária ou moral; a dívida com a sociedade, por assim dizer, e continuassem ali empregados caso desejassem.

Sem ter como pagar minha dívida e envergonhado por ser uma pedra no futuro de minha nação devido a um vício em jogos, aceitei de bom grado. Na época, a modernização estava construindo mais estradas e túneis para os trens, veículos movidos a vapor atualmente muito populares no Japão. Na ocasião ainda era uma novidade em algumas das ilhas.

Ali, em um campo da cidade de Kitami, minha nova vida como "Trabalhador Tako" e como testemunha da história mais cruel de trabalho regularizado pela lei dentro do Japão teve início.

O foco do serviço era a construção de um túnel para a futura passagem de um trem para facilitar e acelerar a transição de tropas pelo Japão. A passagem ficava no meio do nada, escavada na rocha bruta. Hoje tenho noção de que tinha mais de quinhentos metros de cumprimento, túnel este conhecido atualmente por Túnel Jomon.

Quando cheguei ao lugar, o serviço já se encontrava em andamento e os trabalhadores *tako* faziam um pouco de tudo ali. Com machados cortavam as árvores para tirá-las do caminho, usavam enxadas para cavar a terra e terraplaná-la, picaretas para cavar na pedra bruta, pás para tirar os resíduos do túnel em carros improvisados em caminhos mal iluminados. Era um castigo para o traidor da pátria que ousara atrasar o desenvolvimento de seu país ao postergar pagamentos, eu pensava. Como eu era tão burro?

Em defesa do antigo eu, a crença de como me deixei levar pelo jogo e tardei meus pagamentos auxiliava naquele sentimento de dívida com o mundo, no sentimento de que era um lixo na sociedade e que merecia aquilo. Contudo, aquilo era mais inumano do que havia calculado.

Minha primeira função foi empurrar carrinhos de pedras. Levávamos eles para longe e virávamos as caçambas em um canto. Depois, eu e mais cinco homens tínhamos de colocá-los de volta no lugar e levá-los pelo túnel para a retirada de mais detritos e gangas.

O clima era de um frio terrível, mesmo para o outono. Ao mesmo tempo, meu corpo se aquecia rapidamente com o serviço e começava a suar. Assim sendo, o suor atiçado pelo ar frio da região tornou o trabalho desgastante, fazendo-me esfriar de novo, mas de uma forma irônica autossustentável.

Geralmente não sabemos os limites de nosso corpo, e acredito que apenas em situações extremas de esforço para sobreviver a elas é que descobrimos os nossos limites. Sentia-me exausto e tinha o sol como noção de tempo. A cada entrada no túnel um pedaço de mim rezava para que o sol já tivesse partido ou estivesse cada vez mais distante de seu ponto de origem. Cada viagem para dentro do futuro Túnel Jomon resultava em um novo olhar ansioso meu para o astro, buscando vê-lo no horizonte de partida. Ninguém que empurrava o carrinho compartilhava da mesma ansiedade, já que todos ali eram mais velhos do que eu. Os demais *takos* recém-chegados foram designados para tarefas diferentes, logo não tivemos como dialogar sobre aquilo.

Todos ali trabalhavam sob constante vigília dos militares e dos supervisores, os chefes de cada serviço. Uma pessoa de cada função foi chamada e separada e nossa equipe de cinco pessoas virou quatro, ficando ainda mais difícil. As pausas eram para a alimentação, mas nada de fazer todos os *takos* pararem, sendo alternadas. Diminuir o ritmo era aceitável, mas pará-lo não.

Fui o terceiro a ser chamado para a refeição de meu grupo. Meus braços doíam e meu estômago roncava. Ansiava por um pedaço de carne, nada de peixe; carne vermelha mesmo. Muitos não gostavam, no entanto eu adorava *yōshoku³*, mesmo sendo um patriota nato. Sentia uma enorme saudade de tempura, pão e do bolo *kasutera*. Eu sabia que tais mimos não estariam à minha disposição, porém confesso que fiquei em choque quando vi o que seria meu alimento naquele dia: um pouco de arroz e sopa miso, além de água.

Meu choque de realidade foi cortado por um alarme: o roncar de meu estômago.

Comi aquela parcela de arroz quente com a sopa de miso com euforia, a fome torna mesmo a mais miserável refeição saborosa. Ao meu lado, outros nove homens almoçavam também o mesmo que eu, todos em pé, já que não havia bancos para nós.

- Ei, você, te colocaram em quê? perguntou um outro homem, que reconheci sendo um dos novos como eu.
 - Para empurrar o carrinho, e você?
- Estou dentro do túnel picaretando. Falei para o guarda que deviam afiar a picareta. Do contrário, a parede não vai se partir nunca. Aí conseguiram uma picareta mais afiada para mim, mas ainda assim é difícil de trabalhar.
 - Até quando vamos ficar aqui?
- Não sei. Até terminar o túnel, talvez. Você está aqui por dívida ou trabalho?
- Sou um endividado estúpido falei com rancor, olhando para o prato vazio.

^{3.} Termo para pratos e comidas ocidentais que adentraram o Japão com a Restauração Meiji (1868). As três iguarias citadas pelo protagonista, por exemplo, foram todas introduzidas nesse período pelos portugueses. A carne vermelha passou a ser mais aceita também nessa época, pois era até então um tabu.

 Entendo. Aceitei esse emprego para dar uma vida melhor para minha irmã mais velha.

Enquanto ele falava, parei para observar as acomodações e vi que um grupo separado menor parecia ter mais arroz do que a gente. Eles se encontravam sentados. Não havia reparado que estávamos separados deles.

− Ei, pode me servir mais? − pedi ao funcionário.

Ele me olhou de forma estranha, largou o balde de arroz e se voltou para fora.

- Você é o supervisor desse grupo? Ouvi sua voz berrando para alguém. — Você se esqueceu de novo de explicar as regras para os novatos! Quer que eu denuncie você para o *oyakata*, seu insolente?
- *Oyakata?* Pensei alto, ainda ao lado do outro homem, o qual não me dei o trabalho de saber o nome.
- É o mestre do local e da obra respondeu uma terceira voz, pertencendo a um homem velho e raquítico que comia ao nosso lado, parte de nosso grupo.

O supervisor veio até nosso grupo, cutucou meu ombro com um cacetete e fez um sinal de "não" com o rosto.

- Você é novo aqui. Me acompanhe. Vou explicar as regras.
 Larguei meu prato com os hashis após comer pouco e o segui como me aconselhara.
 Os trabalhadores aqui são divididos em três classes de acordo com a eficiência. Vocês são da classe mais baixa e são limitados, portanto existe um limite com relação à quantidade de arroz.
 - Mas só aquilo? É muito pouco. Não era o combinado.
- Trabalhe mais e talvez em um mês ou dois suba de classe.
 Agora volte ao serviço o supervisor ordenou, rígido.

Não acreditei naquilo. Como podia aqueles poucos nutrientes para trabalhar daquela forma? O pior era que o pagamento só vinha após o fim da obra. Ou seja, eu estava amarrado a ele para pagar minhas dívidas. Caso contrário, teria de aceitar ser um indigente; algo que meu eu da época jamais aceitaria, não com o orgulho.

O trabalho persistiu em cansaço e esforço monumental da parte de todos durante o restante do dia. Observando as pessoas, reparei em como eram magras. Os músculos estavam rígidos, ficando em evidência à medida que todos tiravam as camisas para não molhá-las de suor. O pessoal de dentro do túnel já se encontrava adiantado, trajando seus *fundoshis*. A frase "aperte bem seu *fundoshi*" começava a ter um sentido nada engraçado para mim.

O trabalho quase incessante terminou com mais uma refeição, o jantar. O inacreditável para todos os novatos, inclusive eu, era que novamente tínhamos apenas arroz e sopa de miso na mesma quantidade. A ideia de aquilo ser nossa única refeição em almoço e janta por todos os dias me assombrou, e me vi amargamente arrependido de cada jogo que levara meu dinheiro suado. Senti-me um idiota completo por arruinar minha vida e me encontrar naquilo.

O arrependimento se solidificou na hora de dormir.

Os *takos*, assim como eu, dormiam em cabanas com tetos de palha. Usavam um cobertor grosso e se acomodavam em camas lado a lado. A parte baixa do teto de palha fazia com que todos dormíssemos com a cabeça virada para o mesmo lado, nos quais ficavam duas toras de madeira pregadas na horizontal. Elas atravessavam toda a cabana fazendo das toras uma espécie de travesseiro de madeira cumprido e único para dez pessoas. Não reclamei disso, pois a chance de dormir era uma dádiva divina.

Na manhã seguinte, acordei com dores musculares horríveis e com um frio tão assustador quanto o do dia anterior. O pior,

^{4.} Fundoshis são roupas íntimas masculinas equivalentes a cuecas populares até o período final da 2° Guerra Mundial. "Fundoshi o shimete kakaru", literalmente "aperte bem seu fundoshi", é uma gíria para se preparar para um trabalho difícil.

ainda assim, foi descobrir o porquê das toras de madeira. Elas não eram nosso travesseiro comunitário, mas nosso despertador. Os guardas nos acordavam batendo com um martelo, vibrando a mesma de uma vez, sacudindo a cabeça de todos ali.

Mais um dia empurrando carrinho, mais um dia suando no frio, mais um dia comendo pouco arroz e miso... E mais outro, e mais outro. Comecei a tentar conversar com os veteranos para obter informações. Havia gente ali com mais de um ano naquele tipo de vida. Falavam, porém, que agora estava muito pior.

Ouvi boatos de que alguns morreram durante o serviço, e, embora a situação fosse absurda, as condições trabalhistas para tal evento eram plausíveis. Éramos funcionários, mas trabalhávamos como prisioneiros de guerra. Os corpos magros e machucados das pessoas ali alistadas me assustavam e logo passei a notar que alguns estavam adoecendo e os guardas nada faziam.

Por que não desistem desse trabalho?, eu pensava.

Mas eu também não desistia.

As escavações do túnel continuavam. Rotacionaram minha posição algumas vezes, na qual fui obrigado a minerar ou a tirar árvores do caminho. Em pouco tempo exerci todas as variadas funções daquele serviço, que tomava mais de treze horas de meu dia com uma pausa curta para o almoço. Ainda ouvi conversas de guardas falando que nossa ordem de trabalho era de quinze horas diárias, o que era muito pior do que pensara.

Minha capacidade de me acostumar com a situação estava começando a se solidificar quando ouvi gritos e uma discussão. Todos pararam o serviço e observaram quando dois homens foram arrastados por um grupo de guardas enquanto berravam.

 Esses dois aqui tentaram fugir! – berrou um dos guardas, que assaltou o homem com um cacetete, batendo nele enquanto gemia e se encolhia de dor no chão. Esse outro aqui vai servir de exemplo. Tirem as roupas dele!
ordenou o homem que eu identificava como o oyakata.

Logo o outro homem, este ainda novo como nós, foi amarrado a uma árvore de costas e despido. Com varetas de madeira foi golpeado nas costas e nas nádegas enquanto soltava berros horríveis de dor. Não notei, mas eu estava tremendo; tremendo de pavor. Aquilo não era um emprego, era uma armadilha. E eu era burro. A situação logo retomou com as ordens do próprio *oyakata*. Voltamos ao serviço e os homens foram deixados, machucados, sob vigia de dois guardas, desferindo lentas bicudas, obrigando-os a se reerguer.

No dia seguinte, algo novo aconteceu para marcar aquela rotina maldita. Sob ordens do *oyakata*, fomos todos reunidos em fileiras do lado de fora da caverna e das cabanas; os guardas se reuniram à nossa volta.

— Vocês vieram aqui para trabalhar, vieram aqui pela sua nação! — falou alto, firme e imponente o *oyakata*. — O imperador olha o serviço de vocês e saúda a todos. Não envergonhem seu imperador. Não envergonhem sua nação. Não envergonhem seu sol. Agora, repitam comigo: vamos construir o túnel e nada vai nos parar! — Um coro de vozes, misturando o berro firme dos guardas e um molenga nosso, repetiu diante da cobrança. — De novo! De novo! Mais uma vez!

A cada ordem daquele homem nós repetíamos a frase. Voltamos ao trabalho, e o *oyakata* às vezes passava próximo de nós, perambulando. Quando soltava outra ordem, repetíamos o lema sem parar o trabalho.

 Vocês irão repetir até gravá-lo em suas almas. Irão mostrar para cada imigrante o poder e espírito de nosso povo.

Aquelas ordens foram repetidas o dia inteiro.

Meses se passaram e eu já aceitava minha terrível condição. Não podia escapar. Era um prisioneiro, não funcionário. O dinheiro e

as dívidas nem mais me importavam, pois passei a ter a perspectiva de que não sairia com vida dali quando vi o primeiro corpo caindo. Um homem havia morrido de má nutrição, e os guardas pegaram seu corpo e depositaram em uma área ao lado a céu aberto. Foi uma das coisas mais horríveis e desumanas que presenciei.

Quando você chora ou adoece em Hokkaido, quem o serve de médico é a morte, assim pensei com ódio daquela terra.

Outros adoeceram, outros morreram, novos funcionários vieram e uma ossada passou a se formar com os corpos jogados; aves e animais carniceiros comiam a carne destes. Não contava os dias, mas sabia facilmente que já estava naquele lugar havia mais de quatro meses. Não me pergunte como funcionava a minha especulação. Acho que lá no fundo mal podia esperar a minha vez de morrer.

O serviço tomou outros rumos. Com a escavação do túnel realizada, passamos também a montar o trilho e a trabalhar com as paredes internas do túnel, que foi a época em que vi e tive de exercer uma das práticas mais assustadoras da minha vida. Com os cadáveres formando uma montanha, dona de um cheiro cada vez mais insuportável, o *oyakata* deu a ordem de realizarmos com os cadáveres uma prática ancestral que era abominável para mim em tempos modernos. Cimentamos nossos colegas junto das paredes do túnel. Não há palavras para descrever aquele ato horrível e desumano. Isso era uma forma antiga de sacrifício humano em construções, acreditando que trazia força às fortificações.

 Eles estão dando a vida pelo túnel e para o túnel — disse uma voz que não sabia se era de guarda ou de vítima.

O túnel era escuro e passou a nos dar um maldito calafrio. Nossos colegas estariam ali para todo o sempre, longe de suas famílias e de um enterro digno. Compadecidos com as mortes, um dos funcionários pediu permissão para que pudesse realizar uma prece a Buda pelos falecidos antes e depois da nossa carga

horária. Assim fazia, dando-nos alguns minutos de descanso enquanto tardava em suas preces diárias. Era como encontrar gotas de água para um homem morrendo de sede no deserto.

Alguns de nós passaram a juntar as mãos todos os dias e fazer uma breve prece antes de começar a trabalhar naquelas paredes. Ouvi preces xintoístas também, e uma que pouco conhecia, rezada por um dos trabalhadores mais recentes.

 Cristão, sem dúvida – disse um dos homens ao meu lado, referindo-se à religião inédita para mim daquele outro homem.

Mais mortes, mais cadáveres cimentados contra as paredes. Logo comecei a achar que seria a minha vez. Meus músculos doíam, e me encontrava cada vez mais devagar e cada vez mais com dificuldade de fazer coisas simples como cagar. Em breve estaria ali, naquele reboco para todo o sempre, tal qual o jovem que chegara junto de mim, trabalhando por uma vida melhor para sua irmã. Jovem que agora cimentava na parede, olhando naqueles olhos abertos, carregando a enfadonha impressão de que eu o estava prendendo ali ainda vivo. Esse pensamento me assombrou. Na época, ainda não sabia, mas havia contraído, assim como muitos, uma doença chamada "beribéri" por causa da má alimentação, a que causara a morte de todos.

À noite normalmente tinha como música natural preces, choros de dor e tristeza, roncos de estômagos famintos, reclamações baixas de fome e alguns trabalhadores traumatizados, que sonhavam e falavam alto. Às vezes acordavam gritando "vamos construir o túnel e nada vai nos parar", o bordão maldito ainda repetido por nós ao menos uma vez por dia. Havia noites em que o cansaço era tanto que ele tinha o efeito oposto. Eu não conseguia dormir de tão cansado e ficava apenas olhando o teto, ouvindo a mesma música noturna de cada noite formada pela angústia de todos. Esta terminava com uma forte batida na madeira, acordando todos mais uma vez.

Quando dormia, eu tinha pesadelos. Sonhava com as pilhas de ossos de meus colegas de cárcere; pilhas e mais pilhas com mais de cem mortos.

Fugir era impossível, uma vez que a porta de nossas cabanas tinha um sino, que soava a cada saída ou entrada. Uma noite, contudo, alguém conseguiu fazer silêncio e tentou escapar. Esse alguém gritou ao ser descoberto já em fuga pelo túnel, acordando a mim e a todos no acampamento. Fomos para fora. Os guardas, enfurecidos por terem seu sono interrompido, agarraram o homem que se debatia, chorava e implorava "por favor, por Deus". Ele recebeu uma porrada forte na cabeça e, ao invocar preces xintoístas, chamando pelo Kami, recebeu uma forte bordoada na cabeça de um irritado *oyakata*. A pancada foi dura demais, e o homem caiu no chão. Ele se tremelicava todo. Algo foi quebrado nele com aquela porrada e sua cabeça sangrava.

 Maldito inútil, não serve mais para trabalhar! – exclamou um supervisor. – Vocês, tragam ele – ordenou o supervisor a mim e a outro homem; já que todos estávamos de pé como curiosos, iríamos fazer hora extra.

Instruíram-nos a fazer aquilo, algo que me dá náusea de lembrar. Sinto-me um imundo por não ter pedido que me matassem em vez de fazer aquilo. Fizeram-nos levá-lo até o túnel, cujas paredes estavam quase completas, e nos ordenaram para preparar a massa e colocar o corpo daquele homem ali.

- Mas, senhor, ele ainda está vivo.
- Ele está quebrado replicou o supervisor.

Era a nossa realidade. Éramos apenas objetos, e não nas mãos de invasores ocidentais, mas de nosso próprio povo, nossa própria polícia. Colocamos o homem contra a parede, porém estávamos hesitantes até o último momento.

Quando a massa foi preparada, começamos a rebocar nosso colega, que foi prostado em posição fetal. Ele ainda balbuciava coisas como "fome" e "Kami".

— Vamos construir o túnel e nada vai nos parar! — exclamou o supervisor, e nós repetimos, mesmo sem nos ordenarem diretamente.

Estávamos todos engatilhados naquilo. Tão logo terminamos de cimentar nosso colega para ser uno com a massa, com a parede, para tampar o brilho de seus olhos ainda com vida com o cimento, fomos instruídos a retornar para a cabana.

 Vocês serão acordados um pouco mais tarde para compensar isso, aproveitem — avisou o *oyakata*.

Assim fomos dormir. Ninguém comemorou a hora extra de sono. Alguém na mesma cabana que a minha chorou baixinho pelo nosso feito horrível. Era óbvio que a hora de sono era mais para os guardas do que para nós. Sentia-me fraquíssimo. Não aguentava mais. Não levantaria dali para trabalhar. Me tirariam dali à força apenas para me cimentar eternamente naquela parede.

Era tarde da noite quando meu sono foi cortado por um novo grito, um tão angustiante quanto o outro. Quem seria tão burro de tentar escapar daquele jeito depois que o primeiro homem fora pego e cimentado contra a parede? Era o que todos estavam pensando, mas o grito não pertencia a um prisioneiro.

Os guardas e o próprio *oyakata* saíram de suas cabanas para ver de quem era grito. Todos emudeceram com o estrondo. Diante da sombra, um chocalho incomum tirou a paz de todos. Poucos com a experiência correta identificariam que se tratava do som de ossos se batendo um contra o outro enquanto rolavam no chão sozinhos, esbarrando-se.

Foram se aglomerando em algum ponto da escuridão e seguindo coordenadas predispostas, transformando-se em algo grande e comprido, como dois postes feitos de vários ossos. Os restos continuaram a rolar da escuridão para a escuridão, e estes mesmos subiam os postes ósseos ainda rolando.

Através daquela performance macabra, a coisa foi ganhando forma. Era enorme e alto: um esqueleto humano gigante. A silhueta esquelética, mais magra que todos nós, ergueu-se na escuridão com um guarda gritando em suas garras. Os ossos ainda rolavam e se juntavam um ao outro, formando aquela edificação. Era uma monstruosidade de outro mundo. O esqueleto gigante prontamente mordeu e arrancou a cabeça do guarda que gritava por sua vida, transformando a cabeça em um jato de sangue com o qual o esqueleto se banhava enquanto mastigava com seus enormes dentes. Todo o sangue escorria para um coração podre e negro em seu tórax.

A gritaria tomou conta do lugar. Alguns guardas correram junto de meu supervisor para uma das saídas, mas, mesmo grande, aquela coisa era incrivelmente rápida e desceu sua pesada mão e braço contra o solo, impedindo a fuga. Ele esmagou aquelas almas, provocando jatos de sangue, lavando alguns de seus malditos colegas de ofício que vinham logo atrás. Eu e os demais prisioneiros estávamos em pânico, mas meu medo jamais alcançaria a expressão de horror do próprio *oyakata* caído, sentado no chão de terra com uma variedade irreconhecível de entranhas em sangue rubro sobre ele.

Lembro que eu estava magro e tremia sem saber se era frio, pavor ou a soma dos dois. Também emitia com minhas próprias juntas estalos que se uniam em um dueto ósseo com o chacoalhar de ossos da coisa.

— Fome... — falou aquela coisa esquelética quando estendeu sua garra para coletar nosso antigo chefe.

Alguns homens abriram fogo com suas armas, e vi na luz da própria lua como os tiros desprendiam lascas de ossos, que, tão logo caíam no chão, rolavam de volta para a muralha esquelética, batucando e escalando até voltar a seu lugar. Aquela coisa era indestrutível.

O *oyakata* encontrou coragem para se levantar, banhado de sangue e tripas, e correu para dentro do Túnel Jomon junto de alguns homens e de prisioneiros como eu enquanto os mais corajosos ainda ficavam para trás, atirando na criatura.

 Fome... – disse a voz esquelética, juntando-se ao coro de gritos e tiros.

Dentro do túnel não havia nenhuma organização ou preocupação de manter a ordem. Ali era cada um por si, e nós éramos os mais fracos. O túnel tinha alguma iluminação, luz o suficiente para ver que a coisa esquelética enfiou sua cara gigante contra a face do túnel para nos observar, sem poder nos alcançar na escuridão.

Fome... – Ainda dizia pacientemente enquanto nos afastávamos.

Jamais saberei dizer para quem a próxima visão e som foi mais tenebrosa — para nós ou para os guardas —, mas enquanto corríamos pelo túnel começaram a ecoar os gritos e vozes daquele ditado maldito que alguém insistia em gritar mesmo em uma situação como aquela.

Vamos construir o túnel e nada vai nos parar!
 Os guardas, mesmo exaustos e assustados, entreolharam-se à procura do engraçadinho a fazer piadas.
 Vamos construir o túnel e nada vai nos parar!
 Soou novamente o grito, próximo de nós.

Havíamos cessado a corrida túnel adentro porque ninguém aguentava mais correr. Algumas luzes marcavam a outra saída. O grito soou uma terceira vez de forma repetida entre nós. Como estávamos na parte escura, não soubemos identificar quem estava gritando, todavia um dos guardas avançou em direção à escuridão, encontrando o dono da voz. Uma formação esquelética se desprendeu da parede, quebrando-a.

— Vamos construir o túnel e nada vai nos parar! — gritou o esqueleto imundo, saltando da parede contra o guarda, que deu um agudo berro de susto.

O berro era um eco gorgolejante. A garganta fora perfurada, causando uma ferida violenta e um grito engasgado de sangue do guarda, que tentava tirar aquele crânio de seu pescoço enquanto o esqueleto o agarrava e drenava parte de seu sangue. Era uma miniatura daquela coisa do lado de fora. Todos gritaram e tentaram correr em pânico, contudo mais paredes racharam e mais esqueletos saltaram. Às vezes apenas pela metade, mas todos repetindo o ditado de nosso acampamento.

- Vamos construir o túnel e nada vai nos parar!

Os guardas começaram a lutar por suas vidas, enquanto eram agarrados e mordidos pelas forças sub-humanas ósseas, que prontamente nos ignoravam, lavando o túnel com sangue e enchendo nossas narinas com aquele cheiro ferroso. Eles eram a resposta às preces dos que ali eram sacrificados. Eram a vingança e a justiça divina pelas mais de cem mortes inocentes. O show de horrores me contemplou ainda com a visão do *oyataka* sendo mordido por um dos esqueletos na saída do túnel quando quase escapava. Foi mordido na axila quando levantou os braços em susto e gritou como uma menina em pânico.

— Vamos construir o túnel e nada vai nos parar! — gritou o coro de vozes esqueléticas sem carne.

Pude ver que saíam dos buracos das paredes. Ali havia ficado a carne de seus corpos, e para dentro desses buracos retornaram, mas carregando consigo muitas de suas vítimas ainda vivas e gritantes. Afundaram-nas na massa que formava aquelas paredes, ainda bradando o ditado infame do lugar.

- Vamos construir o túnel e nada vai nos parar!

Os últimos sons que ouvimos foram os gritos sufocados e abafados ainda duradouros dos guardas e do próprio chefe do lugar, presos vivos dentro das paredes sangrando assim como aqueles que fizeram vítimas ali. Aquela fora a justiça divina, os mortos voltando para se vingar e levar consigo os vivos que os condenaram.

O esqueleto gigante desapareceu, e eu corri junto dos demais. Corri com uma força inexistente em mim para longe dali. Alguns desmaiaram e foram auxiliados pelos mais fortes e saudáveis. Fui um dos que apagou. Conscientes ou inconscientes, todos fomos para longe daquele lugar maldito.

Hoje, muitos anos depois, pouco sei de como o túnel fora finalizado. Talvez um inspetor tenha visitado o lugar, não achado ninguém e mandado uma nova leva de soldados e homens concluir o serviço, afinal os vivos e mortos já haviam feito a maior parte do trabalho pesado. Para a população em geral, aquele túnel ficou conhecido como o Túnel Jomon. Está até nos mapas. Procure e verá. Para os poucos que conseguiram fugir de lá como nós, contudo, o lugar tem um outro apelido: Túnel Hitobashira⁵.

^{5.} Hitobashira 人柱, literalmente "pilares humanos".

Ossos se movem. Pedem carne e sangue. Outono pobre.

Canções de bruxas e rapsódias de fadas negras Capítulo 12: "Dos filhos do Anima do Leste"